

# Os bandidos estão a matar os seus próprios feridos

por Salomão Moyana, da A<sup>o</sup>M

Durante o mês de Fevereiro, sete bandidos armados foram abatidos e 36 camponeses, que haviam sido raptados pelo bandidos, foram libertados e integrados na aldeia comunal local, pelas Forças Armadas de Moçambique, estacionadas em Maluana, no distrito da Manhica.

O comandante de batalhão, que me revelou estes factos durante a minha recente estada naquela zona, acrescentou que, a 19 de Fevereiro passado, os soldados da sua unidade detectaram um grupo de bandidos que andava a fazer sessões nas proximidades da Estrada Nacional n.º 1.

—A nossa força atacou o inimigo, tendo este fugido em debandada, deixando no solo rastos de sangue — disse o comandante, antes de sublinhar que, no dia seguinte, a população veio informar-nos que o inimigo sofrera naquela incursão 19 feridos, os quais foram metidos numa palhinha abandonada e queimados pelos próprios comparsas do bando a cinco quilómetros daqui.

— Ultimamente — continuou o comandante — os bandidos têm feito sempre assim: cruzamo-nos com eles, baleamo-los ou ferimo-los. Imediatamente, eles carregam os feridos e fogem com eles para os liquidar mais adiante.

Aquele oficial do Exército moçambicano disse-me ainda que, num encontro com os bandidos, a 11 de Fevereiro, os soldados do seu batalhão teriam um bandido, o qual foi posteriormente liquidado pelos próprios bandidos, que o tinham esvaziado. O corpo desse bandido foi encontrado no dia seguinte pela população.

Perguntei a muitos militares se sabem a razão pela qual os bandidos liquidavam os seus feridos, em vez de tratá-los. Na sua maioria, responderam-me que isso acontecia para o bandido ferido não revelar às Forças Armadas a localização dos acampamentos dos outros.

«Também como eles andam a fugir de um lado para o outro, suportar um ferido equivalente suportar uma bota cheia de lemas», disse-me um outro oficial do Exército.

Contudo, a explicação «oficial» deste comportamento do bandido obtive-a no interior da floresta quando, na pausa de uma marcha, um oficial da Segurança Militar deu-me a ler alguns documentos recentes dos bandidos armados, em que aqueles perguntam aos seus chefes: «Final, qual será o nosso fim, agora que a África do Sul não aceita tratar os nossos feridos? Vamos acabar todos assim?»

## ERROS AFASTARAM O POVO

Pedi ao comandante de batalhão que me confirmasse as informações que tinha da fraca colaboração entre a população e as Forças Armadas, especialmente em Pateque, alguns quilómetros para o Sul de Maluana.

Ele esclareceu-me que isso não tinha acontecido exactamente com as Forças Armadas, mas sim com certos elementos de outras forças, «que respondem por esta zona até ao princípio deste ano».

A população e os oficiais do Exército contaram-me que tais elementos nos seus últimos dias, tinham-se divorciado tanto do povo, que até chegaram a espancar os elementos da população, que lhes iam dar informações sobre os movimentos dos bandidos, pelo que o povo optou por ficar calados.

— Por isso mesmo — disse-me um oficial em Maluana — em Pateque ainda há indivíduos que continuam a ser cúmplices dos bandidos. Outros já foram denunciados, mas há os que ainda estão em processo de investigação, com vista a apurar-se o seu grau de colaboração com o inimigo.

Quanto à relação entre o povo e o actual contingente que controla Maluana, soube que é grande o contributo popular na localização das pegadas e acampamentos dos bandidos armados.

A propósito deste assunto, falei com a população, que estava a construir a sua aldeia comunal nos arredores do Comando das Forças Armadas. As pessoas disseram-me que, regularmente, as Forças Armadas acompanham a população para o interior, a fim de recuperar os seus haveres deixados nas suas antigas residências, abandonadas devido à proliferação dos roubos dos bandidos armados.

## O BANDIDO ESTÁ EM FUGA

Em Maluana soube ainda, junto dos militares, que os bandidos armados não possuem neste momento «nenhum acampamento fixo em toda a zona da responsabilidade daquele batalhão. Eles vivem em casas abandonadas, um grupo nunca superiores a 15 elementos».

Isto confirmei pessoalmente. Um dia recebemos informações sobre a existência de um acampamento dos bandidos em Cocolo, a 25 quilómetros a Sudeste de Maluana. Preparámo-nos e partimos no dia seguinte para lá. Pernoitámos na lagoa de Ndiche, a Oeste do distrito de Marracuene. De manhã, chegámos a Cocolo e não havia bandido nenhum. Continuámos a marcha em perseguição das suas pegadas até às proximidades de Vundica, no distrito da Moamba. De regresso a Maluana, vasculhámos a floresta até Missene e rumámos para Oriente onde, mais de um dia depois, alcançámos Maluana.

Os soldados e os oficiais com quem caminhei, afirmaram-me ser uma oportunidade rara o encontro com o bandido armado no interior da floresta. — Só nas emboscadas que fazemos junto às povoações é que vemos de vez em quando o bandido a aparecer para roubar e não para combater — disseram-me.

De facto, anda-se muito à procura do bandido e este foge sempre e, mesmo quando é ele a ver primeiro as Forças Armadas, não dispara. Desaparece pura e simplesmente. Levei mais de 30 dias a deambular pela floresta com os batalhões operacionais à procura dos bandidos e eles sempre fugiram de nós.